



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

### FORMAÇÃO ECOSÓFICA: TRAMAS ENTRE A FORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Roselaine Machado Albernaz<sup>1</sup>

Débora Laurino<sup>2</sup>

#### RESUMO

A formação do professor, na perspectiva da Educação Ambiental, é o foco desse artigo que é um recorte da tese de doutorado intitulada “Formação Ecosófica: a cartografia de um professor de matemática”. Compreendemos a formação a partir dos processos de subjetivação. Um processo de formação tem a ver com criação, com invenção, com experimentação, com práticas que atuam sobre o si próprio. Com esse pensamento foi possível articular os conceitos de cuidado de si, experiência e ecosofia, criando outros modos de perceber e atuar no mundo, na vida. A escolha teórica foi pelas chamadas filosofias da diferença, tal escolha, imbricada às práticas experimentadas, permitiu-nos propor o conceito de Formação Ecosófica, que é uma formação não formativa, não representativa.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Formação; Ecosofia; Experiência; Cuidado de si.

#### ABSTRACT

This article aims at Teacher Training in the environmental Education perspective, which is a fragment of the PhD thesis called “Ecosophy Formation: the cartography of a math teacher”. We understand the formation from subjectification processes. A formation process is related to creation, invention, experimentation, with practices which act on itself. Having this kind of thought it was possible to articulate the self-care concepts, experience and Ecosophy, creating other ways of perceiving and acting in the world, in life. The theoretical choice was for those called philosophy of differences, such choice, imbricated to experienced practices, has allowed us to suggest the concept of Ecosophy Formation, which is an unformative formation, no representative.

**Keywords:** Environmental Education; Teacher Training; Ecosophy; Experience; Self-care.

<sup>1</sup> Doutora em Educação Ambiental, Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul, Programa de Pós-graduação em Educação – CEP 96015-360 – Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil - E-mail: [rose\\_albernaz@hotmail.com](mailto:rose_albernaz@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Informática na Educação. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental na Universidade Federal do Rio Grande- FURG. E-mail: [deboralaurino@furg.br](mailto:deboralaurino@furg.br).

## 1. Introdução

Este texto é um recorte da tese de doutorado intitulada “Formação Ecosófica: a cartografia de um professor de matemática”. A tese propôs ensaiar outros modos de se pensar a formação de um professor de matemática, a partir de algumas experiências estéticas, que levaram a criação de contos, misturando ficção e realidade, articulados a diferentes campos de saberes, como a arte, a filosofia e a ciência.

Nesse artigo expomos nossa compreensão sobre formação de professores, sobre ecosofia e sobre experiência e ao tramar essas compreensões arrazoamos nosso pensar sobre Educação Ambiental (EA) e propomos um novo conceito: *Formação Ecosófica*. Este conceito aponta para algo novo, porém móvel, estando sempre sendo atualizado, pois atenta para um processo de formação que encontra nas *artes da existência*<sup>3</sup> um campo de problematização para o que se produz ao experienciar e ao pensar a própria experiência.

A formação é aqui entendida como um processo e não um fim, não tem a ver com a constituição final de uma identidade mais ou menos fixa e determinada, como a formação de um caráter (LARROSA, 2004). Ela é pensada num tempo que não é linear, nem cumulativo. Tampouco busca o universal, uma normalização, um caminho seguro e verdadeiro para os processos de formação de professores que se dão, em geral, na academia ou na escola. O processo de formação tem a ver com criação, com invenção, com experimentação, com práticas que atuam sobre o si próprio, com *práticas de si*, como diz Foucault (2009) e, dessa maneira, pode ser articulado à EA. A questão que este texto atenta é: como fazer essa articulação? Como pensar a EA frente aos processos de formação de *si* mesmo e do mundo?

## 2. Formação, Educação Ambiental e a contemporaneidade

Foucault diz que somos igualmente submetidos à verdade, no sentido de que a verdade é a norma; é o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, decide; veicula, ele próprio propulsa efeitos de poder (FOUCAULT, 2005, p.29). Para o filósofo, somos destinados a uma certa maneira de viver, em função de discursos ditos como verdadeiros. São modelos que

---

<sup>3</sup> Conceito foucaultiano que propõe uma prática sobre *si* mesmo, um cuidado com o *si* mesmo que também é natureza, é vida. Não se constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social (FOUCAULT, 2009, p. 57). Pode-se dizer que é um movimento de *si* à vida. É uma arte de viver.

tratam de como se deve ser, modelam como devem se comportar um indivíduo. E, normalmente, é essa a formação que um professor absorve, incorpora e repete no seu cotidiano.

Félix Guattari criou uma articulação entre três ecologias: a do meio ambiente, a social e a mental. Ele chamou essa articulação de “*ecosofia*” (GUATTARI, 1990). A *ecosofia* é a interação entre os saberes desses três registros ecológicos. A *ecosofia* dá atenção aos modos como os indivíduos interagem entre si, com o meio físico, com o seu entorno, com a sociedade e consigo mesmo. Através desse conceito se pode pensar, criar, inventar uma formação não representativa, uma *Formação Ecosófica*. Acreditamos que essa formação encontra no campo da Educação Ambiental um espaço para se compor.

Pode-se, de uma forma ampla, compreender o conceito de “*ecosofia*” que Guattari (1990) propôs como a interação entre os saberes dos três registros ecológicos: mental, social e ambiental. “Eco”, do grego *oikos*, que significa casa, habitat, meio natural; “sofia”, do grego *sophia*, que significa sabedoria, saber. Ecosofia, portanto, expressa as formas como os indivíduos interagem entre si, com o meio físico e consigo mesmo. Passa a ser uma articulação entre saberes e a vida. A *ecosofia* busca novos modos de vida: de sentir, de pensar e de atuar em casa, no meio social e no meio natural, e, porque não dizer de uma nova maneira de viver consigo mesmo.

Através das três ecologias – a do meio ambiente, a das relações sociais e a dos processos de subjetivação – Félix Guattari manifesta sua indignação perante um mundo que se deteriora lentamente em muitos aspectos, não só físicos. É importante perceber que no registro da ecologia ambiental busca-se outras formas de ser e atuar no cosmos, no planeta, no entorno de cada indivíduo. No registro social, consiste em desenvolver diferentes práticas que possibilitam novas maneiras de se relacionar e atuar com os diferentes indivíduos e coletivos, neste sentido, busca a alteridade. Já no registro mental, cria-se novas relações do ser humano com ele mesmo, através do olhar para si mesmo, inventando uma nova singularidade, um novo jeito de olhar o mundo e a si mesmo. Através das três ecologias, busca-se criar novos modos de viver na atualidade, com o outro e no ambiente, por isso esses três registros estão sempre articulados.

Uma das grandes preocupações que a EA traz é a de como será a vida no planeta em virtude da degradação do ambiente físico. Porém sabemos bem que essa degradação vai além da exploração dos recursos naturais, não podemos esquecer ou nos esquivar das relações que permeiam a sociedade, os modos de vida que levamos e a maneira de nos relacionar com os outros e conosco mesmo.

Guattari nos alerta para a maneira de se viver daqui para frente neste planeta. Esta questão está intrinsecamente ligada ao contexto da aceleração das mudanças técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em virtude de todas essas revoluções tecnológicas, diz ele que

as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da reinvenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? (GUATTARI, 1990, p. 9)

Concordando com sua tese, percebemos que a velocidade das mudanças, muitas vezes, faz com que os indivíduos sejam atravessados por sensações de medo e de isolamento. Nunca se falou tanto em doenças como depressão, síndrome do pânico e solidão. Em relação ao trabalho, em geral, não existe mais um tempo linear, como era na Modernidade, em que se tinha uma determinada carga horária de trabalho, que variava dependendo da profissão. O que se vê é que, na atualidade, todos os espaços são usados para produção e as horas de descanso foram substituídas por um tempo que nada mais é que o de ficar conectado à rede mundial. O indivíduo acaba se isolando no seu pequeno mundo abastecido de recursos tecnológicos, na ânsia de encontrar um sentido para sua solidão, para sua vida. Ao mesmo tempo, assistimos um mundo que se uniformiza na maneira de consumir, de pensar e de viver.

Numa entrevista concedida a Claire Parnet, Gilles Deleuze (1998) fala sobre seu pensamento e a criação de conceitos, originando a obra “O abecedário de Gilles Deleuze”. Diz o autor que, num mundo efêmero, se vive a vida de todo mundo, de qualquer um, de qualquer coisa. Deleuze quer chamar a atenção para a pobreza desses mundos. Neles, não há espaço para criar e inventar outras formas de ver o mundo. Entendemos que todas essas questões afetam a vida, bem como a escola e os modos de ser professor.

Sabemos que a cultura de massa produz indivíduos. Estes indivíduos estão articulados uns aos outros a sistemas não visíveis, sistemas muito dissimulados que produzem uma subjetividade social que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo (GUATTARI; ROLNICK, 2007, p.22). O que estamos vivendo, diz Rolnick (2007, p.18) é uma operação perversa do capitalismo, cujo objetivo é o de fazer da potência de criação o principal combustível de sua insaciável hipermáquina de produção e acumulação de capital. Peter Pál Pelbart nos diz que o que nos é vendido o tempo todo são as maneiras de ver e

sentir, de pensar e de perceber, de morar e de vestir. Em outras palavras, consumimos, mais do que bens, consumimos formas de vida (PELBART, 2003, p.20).

Frente a esse mundo efêmero pensamos ser necessário criar algumas rupturas nas maneiras de atuar e ser professor, pois a escola já não dá conta das questões da contemporaneidade. Experimentando outros espaços de criação talvez seja possível inventar outros caminhos para pensar num processo de formação de professores que vai além da cientificidade e que possa reverberar no campo da Educação Ambiental, bem como, nos modos de vida da sociedade atual.

### **3. Ecosofia: trama entre a Educação Ambiental (EA) e formação**

Contestamos a ideia de formação que, desde o século XIX, foi pensada num contexto educativo em que as humanidades, as letras, constituíam o núcleo do ensino (LARROSA, 1998). Nessa época, a formação passava a ser o resultado de um determinado tipo de relação com um determinado tipo de palavra, diz Larrosa. A palavra é que tinha o poder de formar os indivíduos. Essa ideia de formação está intrinsecamente ligada a transferência e interpretação de informações, de conhecimentos, característica da racionalidade técnica, não dando atenção as formas sensíveis. Convém dizer que não é essa a formação que se deseja pensar.

Deleuze e Guattari (2007, p.59), não separam o sensível da razão. Eles dizem que pensar é sempre seguir a linha de fuga do voo da bruxa, a qual possibilita sair das formas normalizadas e libertar a vida. Quando se é atravessado por uma linha de fuga, se é obrigado a pensar, pois passa a ser uma necessidade. Esse atravessamento, pode despertar aquilo que precisamos saber, movimentar nosso interesse adormecido, fazer com que queiramos saber mais sobre uma coisa. Mas, para isso, é necessário pensar também sobre sensações que sobrevivem, mesmo que seja por instantes, àqueles que experimentamos. Nesse sentido, é também um ato voluntário que tem uma relação direta com um campo intensivo de forças, que nos faz criar. Então, pode-se criar outro pensamento para a EA, que se dá, a partir de um olhar não hierárquico (GUATTARI, 1990), ou melhor, a EA pode ser pensada de forma rizomática, com diferentes linhas, diferentes tessituras. Assim, a EA pode sair do modelo da representação que trata o pensamento separando o inteligível do sensível.

A EA que se deseja, despreza o olhar que explora o ambiente físico, como se esse fosse um bem de que deve se tomar posse e usufruir de seus benefícios. Mas, também despreza o olhar “salvacionista” encontrado em muitos discursos dos que acreditam que a EA transcende a tudo e a todos. Nesses discursos, a EA seria a forma de salvar o planeta, algo

portador de um poder superior que dará conta dos problemas enfrentados nas sociedades, nesse mundo em turbulência e degradação.

Isabel Carvalho questiona por que tantos adjetivos para a EA, afinal, o que significa o fato de haver uma tipologia tão variada quando se fala em Educação Ambiental? (CARVALHO,2004, p.18). Compartilhando com suas ideias, pensamos que os modos de cada um atuar, ser, pensar, descrevem o sentido de EA que cada pessoa tem.

A EA pode ser pensada através de um olhar mais obtuso em relação às formas mais tradicionais descritas, que preza o ambiente físico e social em relação aos modos de subjetivação ou que entende a EA como a única possibilidade de salvar o planeta, numa visão até meio ingênua, romântica da educação.

Convém atentar que no pensamento deleuziano, o subjetivo não se identifica com um único indivíduo, mas se constitui num campo de produção de subjetividade, isto é, de produção de formas de sensibilidade, de pensamento, de desejo, de ação. É um processo de subjetivação. Constitui-se na produção de modos de relação consigo mesmo e com o mundo. Nesse sentido, a formação dos processos de subjetivação em Deleuze encontra a estética da existência em Foucault e os processos de formação em Larrosa, na medida em que, para ambos, uma experiência de formação não reforça o “eu”, mas acontece quando esse eu se vê alterado, modificado através do que lhe acontece. Daí decorre a ideia de experiência que implica um voltar-se para si mesmo e mover-se pelo que lhe acontece. Experiência é o que nos acontece.

Larrosa (2002, p.21) diz que a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Então, a experiência não é o que passa e, sim, o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.

É raro acontecer uma experiência no sentido que Larrosa nos traz. É rara porque a experiência não tem nada a ver com a informação. Recebemos a todo o momento uma infinidade de informações. Essas informações nos chegam através dos meios de comunicação, numa conversa entre amigos, ao assistir a um filme, ao realizar uma viagem, enfim, diz o autor que somos constantemente “bombardeados” por diferentes informações e de diversos modos. Mas, isso tudo, não significa que algo nos aconteceu. Além disso, o homem contemporâneo opina sobre tudo e todos. É alguém que “tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação” (LARROSA, 2004, p.157). A opinião também impede a experiência. Larrosa vai além, e destaca a falta de tempo como sendo mais um fator

que barra a experiência. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa (LARROSA, 2002, p.23). Com isso, os estímulos são imediatamente substituídos por outros estímulos efêmeros, sempre de passagem. Então, só alguns podem viver uma experimentação. Só uns poucos mostrariam a coragem de saltar fora por vontade própria das forças centrípetas e centrífugas, de atração e repulsão que se combinam para segurar os inquietos e estancar a inquietude dos descontentes (BAUMAN, 2007, p.13) do mundo contemporâneo.

A experiência é uma espécie de mediação entre o conhecimento e a vida. Esse é o saber da experiência. O saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência (LARROSA, 2002, p.27). Uma experiência de formação seria, então, o que acontece numa viagem e que tem a suficiente força como para que alguém se volte para si mesmo, para que a viagem seja uma viagem interior (LARROSA, 1998, p.64). Uma produção de subjetivação pode, ou não, constituir-se a partir dos acontecimentos que se dão com a vida, produzindo, através deles, conhecimento.

Com essas ideias, busca-se a EA nos bons encontros. Encontrar a EA na própria experiência, mapeando os saberes produzidos através dela: Esse é o cuidado com a natureza que somos nós, partes do cosmos. Esse seria o *cuidado de si* (FOUCAULT, 1990) que constitui uma ética como estética da existência, como Foucault apontou. É uma prática ao mesmo tempo pessoal e social, onde o conhecimento de si ocupa um lugar considerável (FOUCAULT, 2009). Pensamos que esse cuidado de si pode se dar através da articulação das três ecologias proposta por Guattari, indo também ao encontro das ideias de Deleuze e Larrosa.

Buscar um entendimento da percepção que se tem da EA, bem como da formação de professores, diante da multiplicidade das educações e de seus adjetivos, não é tarefa fácil. Pensamos que não seja possível traduzir ou reduzir as múltiplas orientações numa única Educação Ambiental: uma espécie de esperanto ou pensamento único ambiental (CARVALHO, 2004, p.17). Por isso, a importância de se fazer escolhas, que, antes de tudo, é um ato político, ético e estético da forma que se vê e se entende a EA e a formação de professores.

Pensar em trabalhar com a EA é estar com e a partir da EA na vida, a partir de nossos modos de viver, habitar, fluir nesse espaço-tempo chamado mundo. Portanto, é colocar-se nesse fluxo de forças que nos invade. Estar junto, sem um olhar de quem está acima ou abaixo

dela, sem privilegiar o termo ambiente como sendo o “sujeito”, tampouco como “objeto” da educação, pois não se acredita mais nessa forma dualista, essa forma linear da representação.

Uma possibilidade, como já foi dito, é pensar a EA com Guattari (1990), onde o ambiente é entendido como a interdependência de todos os fenômenos, sejam eles naturais, sociais ou da subjetividade, pois a complexidade da vida, nos dias de hoje, acaba afetando os três registros ecológicos citados pelo autor. Não há como separá-los, pois haveria um reducionismo e uma fragmentação não só do conhecimento, como também da vida. Os três registros ecológicos estão articulados permanentemente, funcionam como linhas de um rizoma. Eles propõem uma nova lógica, pois essa articulação se compõe de uma ética, uma política e uma estética, sendo, por isso ético-político-estética. Essa nova lógica é a *ecosofia* (GUATTARI, 1990, p.8).

É importante perceber também que a EA não pode ser confundida como sendo, unicamente, o ensino da disciplina Ecologia – pensamento comum nos meios acadêmicos – ela deve ser entendida como o estudo do ambiente, incluindo todos os organismos vivos, todas as relações sociais, todas as questões que envolvem os processos de subjetivação. A EA é mais que uma disciplina, ela dá conta de uma proposta ecosófica, e por que não dizer, de um processo de formação ecosófico.

Pensar a formação de professores e a EA articuladas é uma forma de produzir sentido e conhecimento para as forças visíveis e invisíveis que afetam nossos modos de pensar, de ser e atuar na atualidade. É produzir um pensamento para as questões da contemporaneidade, tanto nos seus aspectos físicos, sociais e mentais, como Guattari atenta. É dar atenção as questões da vida, ao que nos acontece e o que acontece no mundo.

Assim, a *ecosofia* passa a ser uma possibilidade de problematizar os modos dominantes de ser professor. Modos que separam os três registros que Guattari aponta, valendo-se deles para a formação de professores, pois questionam a pedagogia tradicional da representação. Além disso, o autor destaca como urgência para re-pensar a problemática planetária desfazer-se de todas as referências e metáforas cientistas para forjar novos paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas (GUATTARI, 1990, p. 18).

Convém esclarecer que a problemática da formação de professores aqui abordada está para além das situações de ensino-aprendizagem, pois acredita-se que os saberes dos professores não se resumem aos conhecimentos científicos. Assim, busca-se, nos processos de subjetivação, outras formas de se pensar a formação dos professores para além das instituições de ensino. Por isso, acreditamos que é possível pensar a EA e a formação de



professores a partir da *ecosofia* de Guattari. Talvez numa relação de composição, como sugere Denise Sant'Anna, a formação do professor tratada a partir dos encontros, numa experimentação não representativa. E é nesses encontros, na afirmação da vida como um processo que cada ser não é mais nem menos do que uma dobra, ao mesmo tempo autônoma e dependente em relação ao processo vital (SANT'ANNA, 2001, p. 96). É como algo que não é nem mais nem menos que uma dobra no tecido ou na teia da vida. O indivíduo não a obstrui, nem a degrada e, ao mesmo tempo, nela se individua e se irradia, diz Sant'anna.

Então, um processo de formação pode ser pensado, como uma aventura que é, justamente, uma viagem no não planejado e não traçado antecipadamente, uma viagem aberta em que pode acontecer qualquer coisa, e na qual não se sabe aonde se vai chegar, nem mesmo se vai se chegar a algum lugar (LARROSA, 1998). A ideia de experiência de formação implica um voltar-se para si mesmo, um cuidado de si, uma relação com a própria matéria da qual a subjetividade se constitui, uma relação com aquilo que a desestabiliza, ou seja, com os acontecimentos que se dão na vida. Indo ao encontro da *ecologia mental* que Guattari aponta.

Assim, compreendendo que a ideia de *experiência* implica um voltar-se para si mesmo e mover-se por tais acontecimentos e experimentos. Experiência é o que nos passa, o que nos acontece. Incorporar a ecologia mental, a partir do que nos acontece, é algo novo para o campo da EA. Em geral, as questões que a EA aborda, tratam das sociedades e seus modelos, bem como, das questões relativas ao ambiente físico, ao entorno. Seria, então, um modo de ampliar a ideia de EA que se tem, articulando as três ecologias de Félix Guattari.

#### **4. FORMAÇÃO ECOSÓFICA: a formação para além do instituído**

Mas como se consegue essa articulação na formação do professor, no cotidiano da escola? Talvez favorecer experimentações através da arte, da literatura, seja possível engendrar novos olhares para os modos de vida. Afinal, não basta um paradigma ético-político. Ele deve ser também estético, pois a arte é uma potência que favorece a percepção do mundo. A arte é como uma virtualização que, segundo a filosofia de Pierre Lévy (2009), favorece uma elevação de potência. Ela tem uma configuração dinâmica de forças que lhe dá movimento, capacidade de mover corpos e fazer criar outros modos de pensar. Então, apostar numa formação pautada na *ecosofia*, acolhendo os movimentos que afetam os indivíduos pode ser uma possibilidade de re-pensar os processos de formação dos professores. Desse jeito,

talvez seja possível criar outras composições, outros saberes e formas de relação na escola e com os saberes escolares, tornando os saberes dos professores e sua formação mais abertos e sensíveis aos acontecimentos na própria sala de aula, bem como na vida.

Através da *ecosofia* é possível pensar modos de vida, formas de saber, formas de ser professor a partir dos acontecimentos e experiências intensivas que nos acontecem. Essa seria a formação que propomos, uma formação articulada as três ecologias. É um jeito de disposição mais irreverente, mas não menos sério, em tratar das coisas.

No conceito de *ecosofia*, há uma metamorfose que contém fragmentos ou componentes vindos de campos como a natureza, a sociedade e suas relações entre os indivíduos e os processos de subjetivação dos indivíduos. Todos esses campos abarcam diferentes problemas da vida.

A *Formação Ecosófica* de um professor passa a ser um modo de pensar a própria formação, inventando modos de ser e atuar. Passa a ser um modo de pensar as coisas que nos atravessam e nos tocam. Não se trata de se estabelecer uma normalização a partir dela, mas de consentir ou não, de aceitar ou não, o que as experimentações com a arte e com a vida nos dão como modo de viver, como verdade, mesmo sendo móvel. Trata-se, sobretudo, do que essa *Formação Ecosófica* pode fazer a nossas ideias. Que experimentações ela pode proporcionar? Que afecções pode nos causar? Quais apostas ético-estético-políticas ela poderá provocar?

Mas há algumas precauções para se chegar a uma *Formação Ecosófica*. É preciso um deslocamento do corpo de um professor que deseje experimentar a *Formação Ecosófica*. Ele necessita estar atento a campos de saberes, como a arte, a filosofia e a EA, ultrapassando o saber específico de sua especialidade. Também não pode se esquivar de uma atenção ao próprio corpo que experiencia. Mas essa atenção deve ser ainda mais abrangente. As percepções em seu corpo devem tocar nos seus modos de vida. É essa atenção, essa escuta a esses modos, que possibilita a problematização do que se é e do mundo em que se vive. Para dar conta de tudo isso, o professor terá de desprender-se das formas convencionais e fixas de pensar a formação. O mesmo vale para a sua atuação. Seu olhar deve oscilar permitindo descrer, ou duvidar, de algumas verdades já dadas, ficando atento ao acaso favorável, ao que lhe acontece, ao inusitado que se apresenta, ao sem sentido que lhe abate.

A experiência é aquilo que nos interpela, não é a quantidade de informações que nos chegam, a informação não dá lugar à experiência, o excesso de atividades e dispersões dificultam o acontecimento, a experiência. Tempo para experimentar e problematizar favorecem a experiência, mas mesmo assim, não há garantias de que ela aconteça.

A *Formação Ecosófica* não pode ser medida, nem planejada, não existe um guia, uma bússola que a oriente, apenas exige uma atenção com o “si” mesmo, pois ela se dá na singularidade de cada professor. A *Formação Ecosófica* é uma aposta ético-estético-política de um cuidado de si, da natureza de que somos parte e do mundo em que vivemos. Essa formação não prescreve normas, muito menos posturas. Trata de cuidar de algo mais sensível, porém, não menos complexo: não desativar a força do que nos acontece, do que nos toca e que nem sempre tem sentido.

A ideia é propor uma *Formação Ecosófica* como um modo reflexivo para colocar em xeque, problematizar e repensar o modelo tradicional de formação e de educação. Não se trata de regulamentar essa nova formação, muito menos substituir o modelo de formação dominante. Esse é o desafio, pois esse tipo de formação ainda é um virtual, existe apenas em potência. Pierre Lévy (2009), diz que a palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado de *virtus*, e significa força, potência. Essa formação tende a concretizar-se e atualizar-se, embora não haja um futuro previsto. A atualização é a criação, a invenção de soluções a partir da virtualidade que uma problemática oferece (LAURINO, 2001, p.43).

Outro ponto importante é trazer esse conceito para a formação de professores, não como saber legitimado, mas como um conceito reinventado, produzindo oscilações, ecos, na EA. Estaríamos dando atenção aos nossos modos de pensar e não só as questões relativas ao meio físico ou as relações na sociedade. A formação seria como um processo que se dá no entorno em que vivemos, nas relações que se estabelecem no cotidiano e na sociedade, bem como nos nossos modos de ser. Essa formação que propomos nada mais é que um outro jeito de pensar a EA.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmund. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CARVALHO, Isabel Cristina de M. **Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação**. Identidades da educação ambiental brasileira / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

DELEUZE, Gilles. “**O abecedário de Gilles Deleuze**”, 1988. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/tomaz/abc3.htm> >Acessado em: 10 out. 2007.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Còllege de France (1975/1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo: y otros textos afines**. Ediciones Paidós Ibérica, S.A., Barcelona, 1990.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix; ROLNICK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 8. ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2007.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana – danças, piruetas e mascaradas**. Porto Alegre: Contrabando, 1998, p.55.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de Experiência**. Revista Brasileira de Educação, nº 19. Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

LAURINO, Débora. **Rede virtual de aprendizagem - interação em uma ecologia digital**. Tese de doutorado. Curso de Pós-Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 2009.

PELBART, Peter P. **Vida capital. Ensaios de biopolítica**. São Paulo: Luminuras, 2003.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina. Editora da UFRGS, 2007.

SANT'ANNA, Denise B. de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade Contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.